

Fundação Itaú Unibanco

Com você

EDIÇÃO ESPECIAL • ITAUBANK • OUTUBRO 2015

www.fundacaoitauunibanco.com.br

Seu perfil de investimento



De 1º a 31 de outubro, você pode alterar a escolha de seu perfil de investimento. Confira, nesta edição especial, as diferenças entre as quatro opções e o que levar em conta na hora de definir o que é melhor para você.

Uma decisão muito pessoal



A definição do seu perfil de investimento precisa ser sempre precedida de uma reflexão pessoal. Ela deve espelhar, além de questões da conjuntura econômica, o seu momento de vida.

Como atualmente a alteração de perfil pode ser feita uma vez por ano, no mês de outubro, você* deve pensar, sobretudo, no que mudou na sua vida de 2014 para cá e o que deverá mudar até 2016. Ou seja, quais suas expectativas e necessidades pessoais. Você mudou seu estado civil? Teve um filho? Está mais próximo da aposentadoria? Recebeu uma herança? Possui outros investimentos além do plano de previdência complementar da Fundação Itaú Unibanco? Como está o seu risco nesses investimentos e no seu portfólio como um todo? Teve que usar recursos para a compra de um imóvel próprio? Adquiriu um segundo imóvel para obter renda de aluguel? Enfim, há uma série de aspectos que podem ter impacto sobre a forma como você encara seus riscos no plano da Fundação. É hora de correr mais ou menos riscos em função do seu contexto pessoal?

Além de todas as questões individuais, é necessário também observar a situação econômico-financeira do país. No Brasil, o cenário é de queda do PIB, aumento do desemprego e taxa de juros em patamar elevado. Para alguns, é o momento de evitar as aplicações de risco com altas oscilações nos rendimentos; para outros, o risco pode ser sinônimo de oportunidades de ganhos maiores no futuro, apesar das turbulências nos resultados.

Portanto, as decisões relativas aos investimentos não seguem uma receita igual para todos. É por isso que a escolha de seu perfil demanda uma reflexão pessoal sobre seu momento de vida atual e suas perspectivas para o futuro. Esta edição especial do informativo "Com você" busca justamente fornecer informações para ajudar na sua análise. Boa leitura!

*A alteração de perfil não está disponível para os pensionistas do plano Itaú Unibanco CD. Segundo o Regulamento do plano, a partir da concessão do Benefício por Morte, os recursos são alocados exclusivamente no perfil Ultraconservador.

Os investimentos que estão nas carteiras

A principal diferença entre os quatro perfis está na composição de seus investimentos. As alocações variam conforme a situação no mercado, mas respondem a limites específicos que determinam o tipo de aplicação de cada perfil e, portanto, o risco ao qual seu portfólio está exposto. As classes de ativos usadas para as carteiras são:

Renda Fixa

São investimentos em títulos públicos ou privados, com remuneração paga em condições e intervalos previamente definidos, podendo ser prefixados, pós-fixados ou indexados à inflação, entre outros.

Título público

Títulos de renda fixa emitidos pelo Tesouro Nacional para financiar as iniciativas do governo federal. Existem diversas opções de prazo de vencimento, indexadores e rentabilidade.

Crédito privado

Títulos de renda fixa emitidos por empresas para financiar suas atividades e projetos de investimento. Os principais são: CDB, Letras Financeiras, Letras Hipotecárias, Debêntures e Notas Promissórias.

Prefixado

Títulos públicos ou privados com remuneração prefixada – ou seja, estabelecida no momento de sua compra. Mesmo tendo rentabilidade fixa, esses títulos podem apresentar variações em seu preço ou valor de mercado entre a data de compra e seu vencimento.

Pós-fixado

Títulos públicos ou privados com remuneração pós-fixada referenciada à taxa Selic ou ao CDI.

Inflação

Títulos públicos ou privados com remuneração ligada à variação da inflação acrescida de juros. Esses títulos também podem ter oscilação em seu preço ou valor de mercado entre a data da compra e seu vencimento.

Renda Variável

São investimentos em cotas de fundos de ações (ou seja, fundos que investem na Bolsa de Valores) com estratégias diversificadas.

Investimentos no exterior

Desde novembro de 2013, uma parte do portfólio de renda variável é destinada a fundos de investimento que compram ações de empresas no exterior. Atualmente, cerca de 25% da carteira de ações está alocada nesses ativos. Além de contribuir para a diversificação dos investimentos, essa estratégia vem proporcionando rentabilidades superiores aos índices de ações locais.



Multimercado

Cotas de fundos que visam rentabilidades diferenciadas, investindo em diversas classes de ativos de renda fixa, variável e câmbio.



O perfil Ultraconservador

Risco relativo do investimento



Carteira

O portfólio é composto por renda fixa (pós-fixada), com alocação preferencial em títulos públicos e privados de curto prazo referenciados ao CDI. Como faz investimentos de baixo risco, sua rentabilidade no longo prazo tende ser menor do que nos outros perfis.

Foco

Participantes que esperam que seus recursos evoluam em linha com a variação da taxa básica de juros. Pessoas que não podem ou não querem correr riscos superiores aos esperados no mercado de juros pós-fixados.

Benchmark*

100% do CDI

* Referência de rentabilidade

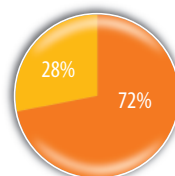
Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



■ Pós-fixado

Divisão por classe de ativo



■ Título Público
■ Crédito Privado

Dados de desempenho

	2015* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da Carteira	8,57%	12,79%	24,86%	34,42%
Retorno do Benchmark	8,35%	12,34%	23,69%	32,63%
CDI	8,35%	12,34%	23,69%	32,63%
Inflação – IPCA	7,06%	9,53%	16,66%	23,76%
Ibovespa	-6,76%	-23,92%	-6,77%	-18,29%
Volatilidade* ² (% ao ano)	0,05%	0,06%	0,08%	0,13%
Retornos positivos* ³ (% dias)	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Retornos acima do Benchmark* ⁴ (% de dias)	82,53%	81,03%	82,34%	81,67%

*¹ Acumulado de janeiro a agosto de 2015

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



O perfil Conservador

Carteira

Aplica em média 7,5% do patrimônio em renda variável e, na alocação em renda fixa, investe em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, além de ter estratégias multimercados. Sua tendência é oferecer retornos atrativos no longo prazo, apesar de poder apresentar flutuações em seus resultados mensais, inclusive com rentabilidade negativa.

Foco

Participantes que aceitam adicionar uma parcela de risco ao seu portfólio, com a renda variável e outros ativos, a fim de obter retornos maiores do que os das taxas de juros de curto prazo e ganhos reais sobre a inflação no longo prazo. É necessário, portanto, tolerar as variações das taxas de juros e das Bolsas de Valores.

Benchmark*

7,5% Ibovespa + 92,5% do CDI, rebalanceado mensalmente

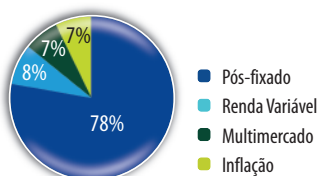
* Referência de rentabilidade

Risco relativo do investimento

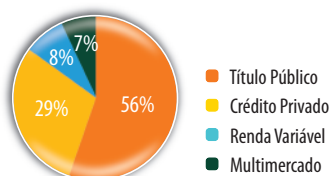


Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Dados de desempenho

	2015 ^{*1}	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da Carteira	7,50%	9,75%	22,17%	29,51%
Retorno do Benchmark	7,28%	9,35%	21,48%	28,43%
CDI	8,35%	12,34%	23,69%	32,63%
Inflação – IPCA	7,06%	9,53%	16,66%	23,76%
Ibovespa	-6,76%	-23,92%	-6,77%	-18,29%
Volatilidade ^{*2} (% ao ano)	1,43%	1,80%	1,57%	1,53%
Retornos positivos ^{*3} (% dias)	69,88%	67,19%	68,06%	66,00%
Retornos acima do Benchmark ^{*4} (% de dias)	49,40%	52,17%	52,98%	53,92%

^{*1} Acumulado de janeiro a agosto de 2015

^{*2} Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

^{*3} Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

^{*4} Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



O perfil Moderado

Risco relativo do investimento



Carteira

Direciona cerca de 20% do portfólio para a renda variável e, na renda fixa, conta com estratégias para juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, além de ter investimentos em multimercados. A expectativa é de resultados atrativos em horizontes mais amplos, mesmo com eventuais retornos baixos ou negativos durante períodos relativamente longos por conta dos riscos desse tipo de carteira.

Foco

Participantes que querem introduzir mais risco ao seu portfólio, em relação ao perfil Conservador, visando atingir resultados superiores num horizonte de longo prazo. Para isso, é preciso estar preparado para as oscilações das taxas de juros e das Bolsas de Valores.

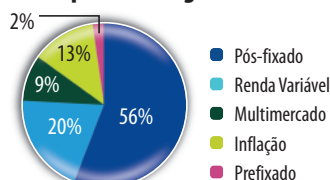
Benchmark*

20% Ibovespa + 80% do CDI, rebalanceado mensalmente

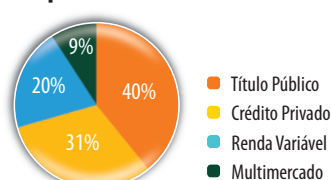
* Referência de rentabilidade

Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Dados de desempenho

	2015* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da Carteira	6,21%	5,93%	19,44%	24,23%
Retorno do Benchmark	5,46%	4,46%	17,75%	21,55%
CDI	8,35%	12,34%	23,69%	32,63%
Inflação – IPCA	7,06%	9,53%	16,66%	23,76%
Ibovespa	-6,76%	-23,92%	-6,77%	-18,29%
Volatilidade* ² (% ao ano)	3,33%	4,30%	3,78%	3,78%
Retornos positivos* ³ (% dias)	59,04%	54,55%	56,75%	56,04%
Retornos acima do Benchmark* ⁴ (% de dias)	51,20%	51,38%	50,99%	52,46%

*¹ Acumulado de janeiro a agosto de 2015

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark



O perfil Arrojado

Carteira

Em média 35% do patrimônio é investido em renda variável, sendo que na renda fixa há alocações em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, além de estratégias multimercados. É o perfil que apresenta as maiores oscilações em seus retornos, podendo oferecer rentabilidades baixas ou negativas por períodos mais amplos. É também o que pode gerar resultados mais atrativos no longo prazo.

Foco

Participantes que podem e desejam assumir mais riscos do que nos outros perfis, com a meta de alcançar retornos mais substanciais em horizontes mais longos. Esses investidores devem estar prontos para lidar com um impacto ainda maior das flutuações das taxas de juros e das Bolsas de Valores.

Benchmark*

35% Ibovespa + 65% do CDI, rebalanceado mensalmente

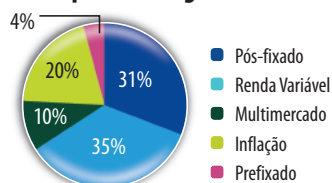
* Referência de rentabilidade

Risco relativo do investimento

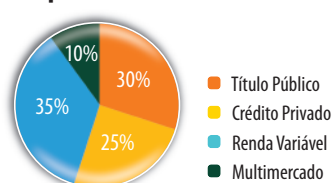


Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Dados de desempenho

	2015* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da Carteira	4,53%	1,68%	15,83%	17,52%
Retorno do Benchmark	3,25%	-1,25%	13,21%	13,49%
CDI	8,35%	12,34%	23,69%	32,63%
Inflação – IPCA	7,06%	9,53%	16,66%	23,76%
Ibovespa	-6,76%	-23,92%	-6,77%	-18,29%
Volatilidade* ² (% ao ano)	5,43%	7,05%	6,24%	6,35%
Retornos positivos* ³ (% dias)	54,82%	51,38%	52,98%	52,99%
Retornos acima do Benchmark* ⁴ (% de dias)	54,22%	54,55%	52,18%	52,99%

*¹ Acumulado de janeiro a agosto de 2015

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

O momento econômico e seu impacto sobre os investimentos

Mesmo sendo uma decisão que deve considerar questões pessoais de cada participante, alterar – ou não – a escolha do perfil passa também pela observação do cenário econômico-financeiro do Brasil e do mundo. Afinal, os investimentos das carteiras são fortemente influenciados pelo que acontece nos diferentes mercados. O “Com você” conversou com **Pedro Gabriel Boainain**, da área de Gestão de Asset & Liability Management (ALM), para que você compreenda como está o atual cenário e suas perspectivas:



Bruno Namorato - SW2

Qual sua análise do ano de 2015 até agora?

O ano tem sido bastante desafiador. A maioria dos indicadores da economia brasileira está se deteriorando, assim como as expectativas dos agentes econômicos. O emprego e a renda diminuem e os investimentos são postergados, o que coloca mais pressão na economia. A inflação deste ano já superou a banda superior estipulada pelo Banco Central e deve encerrar o ano em torno de 9,5%.

Trata-se, portanto, de um ciclo negativo que precisa ser quebrado para retomarmos o desenvolvimento. No campo positivo, destacaria as contas externas que estão passando por um ajuste devido à desvalorização cambial e, após vários anos, passaram a contribuir para o crescimento.

O cenário externo apresentou e continuará apresentando riscos que não devem ser ignorados. Observa-se uma grande divergência nos resultados da economia mundial, com deterioração nas economias emergentes e crescimento moderado nas economias avançadas, com destaque para os Estados Unidos, o Japão e alguns países europeus.

Deverá haver ainda muita volatilidade nos resultados dos investimentos no próximo período?

Vivemos um momento muito complexo que terá reflexos neste ano e em 2016. Os desafios do cenário macroeconômico, as incertezas fiscais e a turbulência política devem manter a volatilidade elevada nos próximos meses. A perda do grau de investimento da agência Standard & Poor's, e a possibilidade de outras agências fazerem o mesmo, é outro fator de incerteza para o mercado, o que em conjunção com um potencial aumento de juros nos Estados Unidos pode ter impactos significativos no fluxo de investimentos estrangeiros para o país.

Uma das máximas em relação aos investimentos é que produtos de maior risco tendem a oferecer retornos mais elevados no longo prazo. Mas não é isso que tem se verificado no mercado brasileiro. Essa situação tende a prosseguir ou deve ser alterada?

Em primeiro lugar, essa máxima precisa de ajustes, pois não é qualquer produto de maior risco que oferecerá, a qualquer momento, maiores retornos. As condições e a possibilidade de o risco ser adequadamente remunerado são premissas necessárias para que uma economia prospere e, sem isso, não há motivo para investir e empreender. No entanto, para que essa possibilidade se torne realidade, a escolha do produto, do projeto ou do risco correto é determinante. Além disso, o horizonte do investimento deve ser considerado e, no longo prazo, as chances de essa máxima ser verdadeira são maiores.

No Brasil, há uma distorção relevante ocasionada em função das diversas mudanças estruturais ao longo do tempo e da inflação e das taxas de juros (CDI) elevadas que tornam o desafio de buscar ganhos pela assunção de risco muito mais complicado do que se verifica em outros países. Em especial nos últimos anos, encontrar produtos e projetos capazes de ultrapassar o CDI tem sido uma grande dificuldade, mas há ativos e fundos que ao longo de períodos de 5 a 10 anos têm superado esse indicador com grande sucesso. Prova disso é o resultado dos perfis frente a seus benchmarks para cada mercado: nos últimos três anos, por exemplo, o portfólio de renda variável acumula rentabilidade superior ao Ibovespa em 17,1% e, nos últimos anos, o portfólio de renda fixa do perfil Arrojado tem rentabilidade acumulada de aproximadamente 110% do CDI.

Quais as perspectivas de desempenho para os investimentos em renda fixa?

No ano de 2016, as taxas de juros devem permanecer em patamares elevados, o que favorecerá o perfil Ultraconservador e a parcela pós-fixada dos demais perfis. Todas as incertezas do cenário também devem manter os ativos de renda fixa prefixados e atrelados a índices de inflação com remunerações bastante atraentes, mas com uma variabilidade de resultados igualmente alta, em especial no curto prazo. Para quem pode e deseja permanecer nesses ativos por prazos mais longos, a remuneração paga por esses títulos é historicamente elevada e bastante atrativa, com os títulos indexados à inflação podendo render mais de 7% ao ano além do IPCA.

E em renda variável?

No longo prazo, o preço de uma ação é fundamentalmente explicado pelo lucro gerado pela companhia que a emitiu. Os analistas que acompanham as empresas investem tempo e recursos para tentar prever seu desempenho futuro e assim se antecipar aos movimentos de mercado – ou seja, a expectativa dos resultados futuros influencia o preço das ações hoje. Logo, um quadro de recessão econômica como o atual (com possibilidade de se tornar prolongado) compõe um cenário desafiador para os investimentos em renda variável, na medida em que coloca pressão nos resultados das empresas e consequentemente nos preços das ações. A perspectiva ainda é de continuidade da elevada volatilidade observada nos últimos meses, mas como muito desse cenário já está refletido nos preços atuais, também haverá boas oportunidades em setores e empresas que tenham bons fundamentos e eventualmente estejam subavaliadas.

O que a Fundação tem feito para minimizar os impactos desse cenário sobre os resultados dos perfis?

Estamos continuamente avaliando alternativas para contrabalançar o momento adverso em uma classe de ativo com o momento positivo em outra classe. Esse é o objetivo de um portfólio diversificado.

Na renda variável, há quase dois anos iniciamos um movimento de diversificação global que tem sido determinante para amenizar as perdas das posições atreladas ao Ibovespa. O investimento em ações de empresas e setores com baixa correlação com a atividade local reduz a exposição à deterioração do ambiente econômico brasileiro ao mesmo tempo em que a exposição a moedas de outros países nos traz uma importante proteção. Hoje já investimos cerca de 25% do portfólio de renda variável em estratégias e países diversos, com posições em grandes empresas globais como Apple, Coca-Cola e Unilever.

Na renda fixa, temos aumentado gradativamente a alocação em títulos públicos indexados à inflação nos perfis que permitem esse tipo de investimento. Nosso foco tem sido os títulos de prazo mais longo que garantem, em horizontes mais amplos, juros reais significativos e proteção contra a inflação, o que é aderente aos objetivos de longo prazo dos perfis.

No atual cenário, o que o participante deve levar em conta na hora de avaliar uma eventual troca de seu perfil?

Inicialmente, é necessário que o participante possua um planejamento financeiro, considerando a importância do plano de aposentadoria nesse contexto. Muitas vezes, ter disciplina e se ater ao projeto original são os fatores mais importantes para atingir nossos objetivos. Quando se trata de investimentos, especialmente em relação às reservas para nossa aposentadoria, ruídos de curto prazo e decisões sob o efeito da emoção podem nos desviar de nossa programação.

Dito isso, existe uma série de fatores que influenciam o planejamento e devem ser considerados quando da escolha do perfil. A idade, a tolerância a perdas de curto prazo, o número de anos que ainda se pretende trabalhar, a situação patrimonial, a existência de seguros, a ajuda financeira a familiares e a própria saúde do participante são alguns desses aspectos. Sempre que achar necessário, o participante deve recorrer ao questionário de perfil disponível no site da Fundação que pode auxiliá-lo a compreender sua capacidade e atitude para assumir riscos.

Cuidado com o perfil “retrovisor”!

A rentabilidade passada não representa garantia de rentabilidade futura. Esse aviso existente em praticamente todos os contratos ou explicações sobre investimentos é muito claro: o resultado que uma determinada aplicação apresentou no mês anterior ou nos últimos meses e anos não significa que esse comportamento terá continuidade no futuro. Para o bem ou para o mal: há mudanças que melhoram o desempenho dos papéis e as que geram performances negativas. Essa movimentação pode ser lenta ou brusca. Ou seja, não é olhando para trás que um participante deve refletir sobre a mudança ou a manutenção de seu perfil de investimento no plano (veja algumas dicas na última página). Para mostrar essa realidade na prática, a área de Gestão de Asset & Liability Management (ALM), que cuida dos investimentos dos recursos de todos os planos da Fundação, realizou um estudo que revela a inadequação de fazer escolhas que perseguem performances anteriores. Acompanhe:

“Mudar apenas porque outro perfil teve melhor desempenho que o seu tende a ser ruim. O estudo demonstrou que o participante que optou todo ano pela migração para o perfil que ofereceu o melhor retorno no ano anterior teve um resultado pior do que aquele que se manteve em qualquer um dos quatro perfis por um período suficientemente prolongado. Ou seja, projetar que o que foi bom no passado continuará sendo bom no futuro não funciona no mundo dos investimentos. O que funciona é se manter aderente ao seu planejamento, sua predisposição a assumir riscos e capacidade de assumi-los (a aproximação da aposentadoria deve ser um fator limitador). Se alguma dessas variáveis mudou, então, a alteração de perfil pode fazer sentido e é algo natural. Uma análise crítica das perspectivas do cenário econômico também deve sempre ser feita e considerada nessa decisão.”

Pedro Boainain, de Gestão de ALM

Como foi feito o estudo

A análise simulou o comportamento de um participante que opta sempre por alterar seu perfil para o que obteve melhor rentabilidade no ano anterior. Ou seja, suas decisões são tomadas olhando no retrovisor e não analisando o seu momento de vida, perspectivas, expectativas e cenários. A série histórica foi feita a partir de 2003 justamente para avaliar os impactos desse comportamento em um período mais longo. O comparativo simula aplicações conforme a alocação padrão de cada perfil e indica seus resultados anuais acima da inflação. Veja o que acontece com o perfil “retrovisor”:

Comparativo ano a ano

(resultado acumulado acima da inflação)

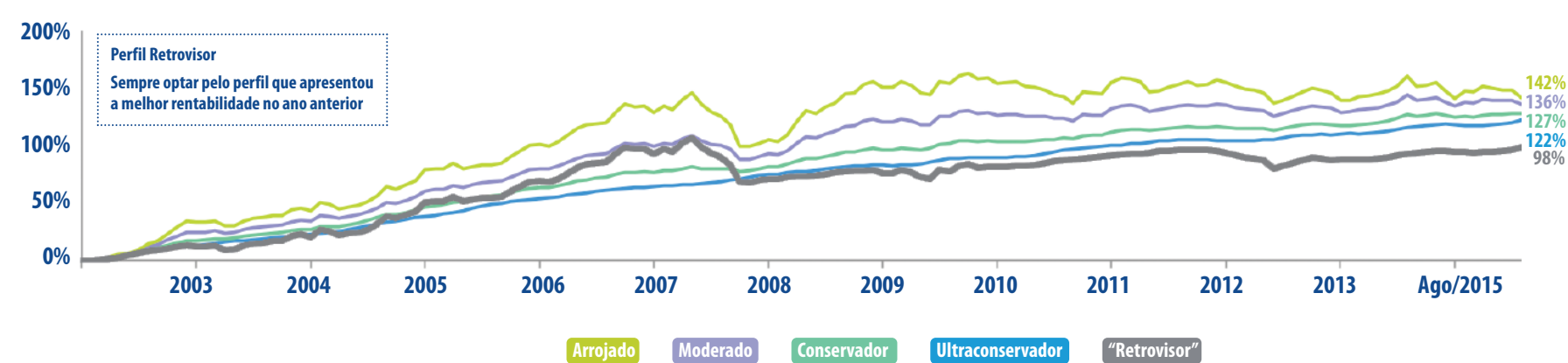
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	Ago/2015
Arrojado	34,00%*	8,90%*	16,20%*	17,90%*	17,10%*	-13,90%	26,70%*	1,50%	-5,50%	5,10%*	-4,40%	3,50%	-2,40%
Moderado	24,60%	8,50%	14,80%	15,20%	12,70%	-5,60%	17,20%	2,70%	-1,00%	4,30%	-1,60%	4,00%	-0,70%
Conservador	17,10%	8,20%	13,50%	12,90%	9,10%	1,60%	9,70%	3,40%	2,60%	3,30%	0,80%	4,30%	0,60%
Ultraconservador	12,80%	8,00%	12,70%	11,50%	7,00%	6,10%*	5,40%	3,70%*	5,00%*	2,70%	2,40%*	4,30%*	1,50%*

Retrovisor

*melhor rentabilidade acumulada no período

Rentabilidade do perfil “retrovisor” em relação aos 4 perfis

(resultado acumulado acima da inflação)



O que levar em conta para decidir

A definição de seu perfil envolve análises que unem autoconhecimento, informações sobre os investimentos das carteiras e dados sobre o cenário e as perspectivas econômicas. Veja 5 atitudes indispensáveis para ajudá-lo em sua escolha:

1. Responda ao questionário sobre o perfil de investimento que está na Área do Participante do site da Fundação. A partir de suas respostas, ele avalia seu conhecimento, capacidade e atitude em relação ao risco.
2. Procure se informar sobre as características dos perfis para entender seu foco, riscos, investimentos e o que os diferencia.
3. Analise seu momento pessoal. Sobretudo se você já é assistido ou está próximo à aposentadoria, é recomendável não expor seu patrimônio a riscos excessivos que podem comprometer sua reserva quando não há tempo para recuperar perdas momentâneas.
4. Pense em seus investimentos a partir de uma perspectiva mais longa (principalmente se você dispõe de um período maior até o início de sua aposentadoria) e não se deixe levar exclusivamente por questões conjunturais.
5. Lembre-se sempre do princípio de que rentabilidade passada não garante rentabilidade futura.



Mais informações?

Acesse

www.fundacaoitauunibanco.com.br
link Fale Conosco

Telefones

de 2ª a 6ª, das 8h às 19h
Em São Paulo (capital)
11 4002 12 99
Demais localidades
0800 770 2299.



Como mudar seu perfil

A alteração deve ser feita pelo site da Fundação – **www.fundacaoitauunibanco.com.br**. Basta clicar no banner posicionado na página inicial e você será direcionado à Área do Participante. Entre com seu login (CPF e senha) e siga as instruções. O novo perfil passa a valer a partir de janeiro de 2016, sendo que sua visualização estará disponível na segunda quinzena de fevereiro, quando ocorre o fechamento da reserva de janeiro e sua atualização no site.

Importante • Depois de fazer sua escolha, é preciso imprimir o formulário e encaminhá-lo assinado para:

Fundação Itaú Unibanco
Rua Carnaubeiras, 168 – 3º andar –
Jabaquara – CEP 04343-080 – São Paulo (SP).

Serão válidos apenas os formulários recebidos até o dia 16 de novembro de 2015.

